

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA**

EDJAM CORREIA DE FREITAS

**A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS ESPORTES DE ELITE NO CENÁRIO
BRASILEIRO**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

EDJAM CORREIA DE FREITAS

**A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS ESPORTES DE ELITE NO CENÁRIO
BRASILEIRO**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física. Orientador: Francisco Xavier dos Santos.

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Freitas, Edjam Correia de .

Representatividade negra nos esportes de elite no cenário Brasileiro /
Edjam Correia de Freitas. - Vitória de Santo Antão, 2025.

49 p. : il., tab.

Orientador(a): Francisco Xavier dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Educação Física - Licenciatura, 2025.
8,8.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Desporto brasileiro . 2. História . 3. Atletas negros. 4. Questões étnico-
raciais. I. Santos, Francisco Xavier dos. (Orientação). II. Título.

360 CDD (22.ed.)

EDJAM CORREIA DE FREITAS

**A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS ESPORTES DE ELITE NO CENÁRIO
BRASILEIRO**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória,
como requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Educação Física

Aprovado em: 04/08/2025

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Francisco Xavier dos Santos (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Profº .Me. (Cleide do Nascimento Monteiro Borges Filha)

Universidade Federal De Pernambuco

Profº .Dr. (Iberê Caldas Souza Leão)

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha profunda gratidão aos meus ancestrais negros, cuja força, resistência e legado são a base da minha existência e inspiração diária. A vocês, dedico cada conquista, pois foram suas lutas que pavimentaram o caminho que hoje percorro.

À minha mãe, Rosineide, e ao meu pai, Marcos, meu eterno obrigado. Vocês são meus pilares, minha fonte de amor e motivação. Seu apoio incondicional e ensinamentos foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Aos meus irmãos, Edson, Elizânia, Ediclecia, Marcos Junior, Edcleybson e Jéssica, agradeço pelo companheirismo e por sempre estarem ao meu lado, compartilhando alegrias e desafios. Cada um de vocês tem um lugar especial no meu coração.

À minha esposa, Mauri, minha eterna companheira, obrigado por todo o amor, paciência e incentivo. Você foi essencial para que eu superasse os momentos difíceis e celebrasse cada vitória ao longo dessa jornada.

Ao meu orientador, Francisco Xavier, minha sincera gratidão por sua dedicação, sabedoria e orientação. Suas contribuições foram indispensáveis para a conclusão deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas, que compartilharam comigo momentos de estudo, descontração e apoio mútuo, muito obrigado por fazerem parte desta caminhada.

À dona Flávia, que foi sempre prestativa e gentil, meu agradecimento por toda a ajuda e atenção dispensadas.

Por fim, reconheço que esta jornada não foi fácil, mas com o apoio de todos vocês, foi possível concluir mais uma etapa importante da minha vida. Muito obrigado a cada um que contribuiu, direta ou indiretamente, para que este momento se tornasse realidade.

RESUMO

Neste trabalho o objeto de estudo são o(a)s esportistas negro(a)s e de maneira mais específica foi discutido a representatividade desses atores sociais no processo de construção do esporte brasileiro. No trajeto investigativo, optamos por construir um retrato micro do fenômeno tomando como referências quatro personagens do esporte brasileiro quais sejam: Adhemar Ferreira da Silva do atletismo; José Adilson Rodrigues dos Santos (Maguila) do boxe; Miraildes Maciel Mota (Formiga) do futebol e Rafaela Lopes Silva, atleta do Judô. A escolha dos quatro personagens negros do esporte de elite no cenário brasileiro tem inúmeras razões que traremos pouco e pouco ao longo do texto. Por ora, o que pode ser dito é que são ilustres personagens do esporte brasileiro e que seus nomes por si só, já seriam suficientes para justificar a eleição. Para apoiar a discussão e análise, fomos buscar em Moscovici (2003) um aporte teórico que pudesse nos ajudar e fundamentar os achados e com isso explicar o retrato que fomos construindo baseando-nos assim no conceito de representações sociais. O objetivo geral foi o de analisar a representatividade negra nos esportes de elite, identificando os desafios enfrentados por atletas negros para alcançar e consolidar suas carreiras, bem como as barreiras estruturais, sociais e midiáticas que influenciam esse processo. A pesquisa é de natureza qualitativa, focando na pesquisa documental, particularmente, jornais, sites e revistas online. A análise se deu a partir de Bardin e sua análise de conteúdo. E, como parte de nossas conclusões, ressaltamos que a História insiste em negar, apagar e marginalizar tais personagens por meio das muitas narrativas que deles tratam. E mais: fala-se de um esporte brasileiro como se esses personagens pouco tenham contribuído para o Brasil ser o que é mundialmente na atualidade do cenário esportivo. Por isso, não hesitamos em afirmar que há uma séria lacuna na maneira como a história do esporte brasileiro é narrada.

Palavras-chave: desporto brasileiro; história; atletas negros; questões étnico-raciais.

ABSTRACT

This work focuses on Black athletes, and specifically discusses the representation of these social actors in the development of Brazilian sports. In this research, we chose to construct a microportrait of the phenomenon using four figures from Brazilian sports as references: Adhemar Ferreira da Silva from track and field; José Adilson Rodrigues dos Santos (Maguila) from boxing; Miraildes Maciel Mota (Formiga) from soccer; and Rafaela Lopes Silva, a judo athlete. The choice of four Black figures from elite sports in Brazil has numerous reasons, which we will gradually address throughout the text. For now, what can be said is that they are illustrious figures in Brazilian sports, and their names alone would be sufficient to justify their selection. To support the discussion and analysis, we sought theoretical support from Moscovici (2003) that could help us substantiate our findings and thereby explain the portrait we constructed, based on the concept of social representations. The overall objective was to analyze Black representation in elite sports, identifying the challenges Black athletes face in achieving and consolidating their careers, as well as the structural, social, and media barriers that influence this process. The research is qualitative in nature, focusing on documentary research, particularly newspapers, websites, and online magazines. The analysis was based on Bardin and his content analysis. As part of our conclusions, we emphasize that history insists on denying, erasing, and marginalizing these figures through the many narratives that address them. Furthermore, Brazilian sport is often discussed as if these figures contributed little to Brazil's current global status. Therefore, we have no hesitation in stating that there is a serious gap in the way the history of Brazilian sport is narrated.

Keywords: brazilian sports; history; black athletes; ethnic-racial issues.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DISCUSSÃO	12
2.1 A Teoria das Representações Sociais em Perspectiva	12
2.2 Negros e Negras Esportistas Brasileiros: uma perspectiva do retrato	13
2.4 Como foi a luta histórica de Maguila x Foreman: 'Passou uma carreta por cima'	18
2.5 O Judô Brasileiro com o Ippon de uma Esportista Negra	19
2.6 O Futebol tem Gênero e Cor? O que nos diz a história da Futebolista Formiga	23
2.7 Um Negro que Salta na História do Esporte Brasileiro: falando de Adhemar Ferreira	27
3.1 Objetivo Geral	31
3.2 Objetivos Específicos	31
4. DISCURSSÃO SOBRE NEGROS NO ESPORTE BRASILEIRO EM QUATRO PERSPECTIVAS.	32
5 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Este texto trata-se de uma pesquisa por nós desenvolvida na graduação no curso de licenciatura em Educação Física, no Centro Acadêmico de Vitória, da Universidade Federal de Pernambuco. No trabalho o objeto de estudo são o(a)s esportistas negro(a)s. De maneira mais específica nos interessamos em aprofundar sobre a representatividade desses atores sociais no processo de construção do esporte brasileiro e como isso é mostrado na sociedade.

No trajeto investigativo, optamos por construir um retrato micro do fenômeno tomando como referências quatro personagens do esporte brasileiro quais sejam: Adhemar Ferreira da Silva, ilustre personagem do atletismo; José Adilson Rodrigues dos Santos, ex-pugilista e mais conhecido como Maguila; Miraildes Maciel Mota, ex-futebolista, conhecida e apelidada de Formiga e por fim, Rafaela Lopes Silva, atleta do Judô. Só para lembrar, essa é uma amostra micro mas conforme sabemos, é possível desse universo refletir sobre e tecer relações com aquilo que é mais geral no esporte brasileiro.

Desde seus primórdios no solo nacional é certo que o esporte brasileiro avançou, melhorou, se desenvolveu e isso não se pode negar, ainda que se tenha muito por fazer, aperfeiçoar, conquistar e democratizar seus feitos. Mas uma coisa é certa, já não somos os mesmos, por exemplo, quando chegou aqui um desses esportes: o futebol. O Brasil, há muito que já não é um desconhecido no campo esportivo, ao contrário, construímos uma história que passa pelos diversos esportes e de uma maneira geral, a história hoje é contada com respeito pelo que foi construído nesse ambiente.

Acontece que ao longo de nossa formação acadêmica e envolvido com o tema, uma curiosidade nos acompanhou que era saber, compreender como essa narrativa é mostrada, difundida e que atores estão no primeiro plano da fotografia que projeta o esporte brasileiro. Noutras palavras, quem aparece nesta imagem com destaque? Há negros no centro do retrato? Ou será que a parte que lhes cabe neste latifúndio é o ostracismo, a marginalidade e o não reconhecimento, tal qual, viveu por exemplo, por Moacir Barbosa do Nascimento, o Barbosa, goleiro da seleção Brasileira de 1950 que viveu e morreu marcado por uma sociedade e mídia injusta que lhes legou um peso desumano como se nada houvesse feito pelo esporte no Brasil.

Essas e outras perguntas foram surgindo ao longo do estudo e com a pesquisa buscamos esboçar algumas reflexões que não julgamos serem únicas é apenas um retrato e uma perspectiva do processo.

Mas, talvez, muitos se perguntem, por que esses quatro atletas e não outros? A escolha é algo que nenhum pesquisador pode fugir dela e essa foi a nossa por alguns motivos. Antes

de explicitá-las, é importante dizer que não escolhemos estes a despeito de outros por julgamos serem os mais importantes como disse foram escolhas que tem um sentido.

Primeiramente, não se pode negar que, ao tratarmos de representatividade, e porque não também de visibilidade, os personagens aqui apresentados se encaixam nesse critério. Afinal, apesar de terem dado grandes contribuições ao esporte brasileiro, ainda permanecem bastante conhecidos pelo povo, inclusive por aqueles que estudam e atuam no campo esportivo. Ousamos dizer: são “marginais” no sentido de estarem à margem da visibilidade que de fato merecem.

Em segundo lugar, mesmo que a história oficial não lhes conceda a projeção devida, não se trata de escolhas aleatórias. Basta investigar a trajetória de Adhemar Ferreira no atletismo, de Maguila no boxe, de Formiga no futebol e de Rafaela no judô para reconhecer que são atletas dignos e dignas de, por meio de suas representações, ajudar a esboçar o retrato dos e das esportistas negros e negras no Brasil.

A escolha dos quatro personagens negros do esporte de elite no cenário brasileiro tem inúmeras razões que traremos pouco e pouco ao longo do texto. Por ora, o que pode ser dito é que no caso de Adhemar Ferreira da Silva trata-se de um ilustre personagem do atletismo. Com relação a José Adilson Rodrigues dos Santos, ex-pugilista e mais conhecido como Maguila, é a partir dele que o boxe de fato se internacionaliza. Sobre Miraildes Maciel Mota, ex-futebolista, conhecida e apelidada de Formiga, o que dizer da única atleta de futebol que disputou sete Copas do Mundo? Por fim, quanto a Rafaela Lopes Silva, atleta do Judô, ela é a primeira brasileira campeã mundial nesse esporte. Enfim, esses nomes por si só, já seriam suficientes para justificar a eleição.

Não podemos em meios aos motivos que explicam o porquê de estudar esses Personagens falar que o estudo também se justifica pela contribuição social que acreditamos que haverá de oferecer uma vez que nessa pequena amostra podemos falar para sociedade desses atletas brilhantes e grandes construtores para o esporte brasileiro ser o que é.

Ademais, há um valor prático e acadêmico dessa pesquisa, no caso desse último fomentar debates e estudos entre os estudantes nas universidades brasileiras sobre esses personagens e assim incentivar outros estudos. Na questão prática, investigações como essas podem colaborar para repensarmos sobre o que temos de fato feito (atitudes) no dia a dia quando se trata de ampliarmos e melhorarmos nossas relações e percepção para os grupos sociais que são marcados pela invisibilidade e isso repercute na vida deles e nossas. Para

apoiar a discussão, fomos buscar em Moscovici (2003) um aporte teórico que pudesse nos ajudar e fundamentar os achados e com isso explicar o retrato que fomos construindo.

O conceito de representações sociais tem ocupado espaço significativo nos objetos de estudo de pesquisadores que estudam os fenômenos sociais. Essa teoria fornece elementos significativos para análise das ações e comportamentos dos indivíduos pesquisados e os efeitos dessas coisas na realidade de outros indivíduos que têm relações entre si.

Para Moscovici (1978) as representações sociais expressam duas finalidades: a de saber, possibilitando compreender e explicar o mundo real, e a de orientação, que guia os comportamentos e as práticas. E, pois, desse ponto de partida que fomos refletindo sobre a representatividade negra no esporte brasileiro.

Nesta tarefa tomamos muitos caminhos e do ponto de vista metodológico, a escolha repousou sobre a pesquisa qualitativa. Em linhas gerais, os materiais e as fontes para produção dos dados e informações nos conduziram para a pesquisa documental e neste sentido, recorreremos a revistas, sites e portais da internet, site oficial do clube e jornais online, dentre outros, no período de dezembro de 2024 a maio de 2025. Além do que também foram realizadas buscas nas bases de dados Google Acadêmico, Periódicos Capes, Scielo.

O conjunto desses elementos orientou a exploração das informações por meio da análise de conteúdo. Ademais, é importante ressaltar que a coleta de dados ocorreu a partir de notícias, reportagens e narrativas envolvendo os quatro atletas negros e negras em suas trajetórias no esporte brasileiro.

Nesse processo, foi necessário estabelecer aspectos norteadores da investigação, entre os quais se destaca o objetivo geral: analisar a representatividade negra nos esportes de elite, identificando os desafios enfrentados por atletas negros para alcançar e consolidar suas carreiras, bem como as barreiras estruturais, sociais e midiáticas que influenciam esse percurso.

Para auxiliar essa meta maior, estabelecemos alguns objetivos específicos que se resumiram em: apresentar os tais personagens do esporte brasileiros e aspectos de suas carreiras; identificar os desafios enfrentados por eles no curso de suas carreiras; analisar seus feitos e representatividades reveladas.

Diante, então, das informações aqui trazidas e do objeto apontado nós buscamos com a pesquisa responder o seguinte problema de pesquisa: Quais são os principais desafios enfrentados pelos atletas negros para alcançar e consolidar sua representatividade nos esportes de elite, e de que forma fatores estruturais, sociais e midiáticos influenciam esse processo?

2 DISCUSSÃO

2.1 A Teoria das Representações Sociais em Perspectiva

Buscou-se suporte na teoria das representações sociais para interpretar o objeto de estudo aqui proposto. De algum modo, mirou-se numa maneira de refletir, compreender e explicitar como são percebidos os atletas negros no curso da história esportiva e social brasileira, o que envolve pensar como os indivíduos e os grupos sociais “[...] constituem sua realidade comum, de como eles transformam ideias em prática” (Moscovici, 1978).

Desta forma, cogitamos haver uma espécie de consciência que circula no meio social e ainda que a mesma nem sempre se mostre tão visível aos olhos de todos; o fato é que externamos e produzimos sentidos e significados que, em grande parte, instituem e reproduzem uma maneira coletiva de enxergar, “classificar”, qualificar e, por que não incluir, de desqualificar o outro.

Assim, do ponto de vista de uma teorização e para fins de nossas descrições cabe pensar que,

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano- Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica (Moscovici, 1978, p.10).

Das ideias acima, consideramos fatos singulares que “circulam, se entrecruzam e se cristalizam” e ajudam a constituir uma imagem do sujeito no interior das nossas relações. No caso das representações sociais difundidas e validadas na narrativa em torno da história do esporte brasileiro e envolvem o lugar de atletas negros e negras brasileiras personagens dos esportes de elite¹, o que se conta ou deixam de se contar sobre, pode ser compreendido nesse sentido a partir de símbolos que, de certo modo, exibem algo da própria história da sociedade.

Neste sentido, cabe indagar como são compreendidos tais atletas? Como são percebidos? Como são representados? Existe, em meio a tantas coisas, um aspecto a reter nessa interpretação que não se pode perder de vista: há uma substância simbólica no arranjo e

¹ O termo elite, não é aqui usado como sinônimo de classe social, mas no sentido usual da linguagem esportiva e da ciência do esporte que considera o esporte de elite uma categoria associada, por exemplo, ao profissionalismo e à alta performance.

assim, esse “[...] conhecimento é sempre produzido através da interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão nele implicados (Moscovici, 1978, p. 8 e 9).

A análise que parte significativa da sociedade brasileira fez e continua a fazer de determinados personagens que integram a história nacional do esporte, revela quão necessário é abordar a importância das representações apresentadas, por exemplo, em torno dos negros esportistas brasileiros no âmbito de uma coletividade, pois, isso implica em interferências nas sentenças apresentadas individualmente pelos seres humanos (Reigota, 1995).

Também parece-nos oportuno no curso da reflexão aqui desenvolvida sobre a história esportiva brasileira, indagar qual é mesmo a configuração e/ou parte que cabe neste latifúndio a um grupo social historicamente marginalizado como o dos negros? Essa imagem, muito nos interessou ao longo da pesquisa, uma vez que “Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma Representação Social é a organização de imagens e linguagens, porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são [...] nos tornam comuns” (Moscovici, 1978).

O fato de falarmos tanto em representatividade negra nos esportes de elite no cenário brasileiro, quer queiramos quer não queiramos, é pelo fato de isso fundamentar a ideia central de nossa discussão que tanto relaciona dados e teoria quanto ajuda a esboçar o próprio desenho que vamos produzindo aqui. É que,

O modo mesmo de sua produção se encontra nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação de massa, nos canais informais de comunicação social, nos movimentos sociais, nos atos de resistência e em uma série infindável de lugares sociais. É quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, que as representações são formadas (Guareschi, 1995, p. 193).

Sendo de fato assim, tratamos de agora em diante de aprofundar a nossa percepção enveredando por começar a apontar pouco e pouco uma ideia do retrato que fala, pois, de alguns desse personagens negros e negras envolvidos com o esporte de elite no Brasil.

2.2 Negros e Negras Esportistas Brasileiros: uma perspectiva do retrato

O mais ingênuo pesquisador que se dispusesse a apresentar uma imagem na sua totalidade dos atletas negros e negras brasileiro, veria depois de tanto esforços que a tarefa

seria impossível, pois, cometeria grandes injustiças e faltas graves deixando de fora nomes significativos que fizeram ou fazem a história e assim, num texto escrito como esse que propomos sabemos ser impossível falar na sua totalidade da representatividade negra nos esportes de elite no cenário brasileiro e essa não foi a nossa ideia.

Por isso, nesta parte do trabalho, o que apresentamos é, tão somente, uma narrativa a partir de um universo micro envolvendo quatro personagens (já apontados antes, que são: Maguila; Rafaela Silva; Formiga e Adhemar Ferreira) e essas escolhas são explicadas em maior detalhes na metodologia. O que se segue, portanto, é tão somente uma perspectiva da história e nessa narrativa, como é natural, recorreremos a alguns estudiosos do esporte no Brasil para colaborar na tarefa de ir paulatinamente projetando partes de um retrato envolvendo os negros e negras esportistas brasileiros.

Como muitos sabem, a análise da representatividade negra nos esportes de elite brasileiro demanda uma abordagem multifacetada que considere as intrincadas relações entre desempenho esportivo, reconhecimento social e construção midiática, só para mencionarmos alguns aspectos.

O esporte brasileiro, desde sua institucionalização no final do século XIX, apresenta uma contradição fundamental: embora construído significativamente por atletas negros, sua narrativa hegemônica frequentemente minimiza ou apaga as contribuições desses personagens e desconsidera suas lutas dentro e fora do cenário esportivo.

Essa dinâmica é particularmente visível em modalidades como o boxe, onde a presença negra foi historicamente marcante, mas o reconhecimento institucional permaneceu limitado, diminuído e até denegrido.

A trajetória de pugilistas como Maguila exemplifica uma relação um tanto paradoxal - enquanto o mesmo alcançava certa projeção internacional, também enfrentava dificuldades para obter patrocínios e reconhecimento duradouro no seu próprio país.

A mídia esportiva, para o bem ou para o mau, desempenha papel elementar nesse processo de construção seletiva da memória atlética. Como demonstram Hargreaves (2000) e Filho (2010), a cobertura dedicada a atletas negros na maioria dos casos ressalta aspectos físicos e performáticos desprezando as habilidades técnicas e táticas dessas pessoas, além de fortalecer estereótipos racializados.

Essa narrativa dominante contribui para uma visão reducionista que, mesmo quando celebra conquistas, ofusca o reconhecimento justo e devido desses esportistas como agentes fundamentais na construção da história do esporte nacional e, portanto, da nossa identidade.

Se com os personagens homens é assim, o que dizer do caso feminino? No caso específico das mulheres negras no esporte, os desafios se multiplicam de maneira exponencial e, sobretudo, na intersecção entre racismo e machismo. Filho (2010) destaca como atletas como a judoca Rafaela Silva precisam superar barreiras adicionais para obter visibilidade e patrocínios, mesmo após conquistas históricas em competições internacionais que orgulhariam e muito outras nações e sociedades, mas ao que parece: não a brasileira. Essa dupla discriminação limita não apenas suas carreiras ativas, mas também suas oportunidades de transição para funções técnicas ou administrativas após o término da vida esportiva.

Do ponto de vista da história social é comum nos depararmos com estruturas institucionais e do esporte brasileiro² que reproduzem essas assimetrias de forma intencional e sistemática e disso fala Bourdieu (1989) sobre a reprodução das estruturas. Logo, não raro é observarmos em na sociedade brasileira a escassez de técnicos, dirigentes e comentaristas esportivos negros em posições de destaque evidenciando um ciclo vicioso e perverso, uma vez que a parcela da comunidade esportiva negra tem pouca influência na formulação de políticas e na construção das narrativas dominantes.

Como aponta Filho (2010), essa sub-representação nas instâncias decisórias perpetua modelos excludentes que dificultam transformações substantivas, inclusive na maneira de mostrar ou ocultar os feitos e os responsáveis por tais façanhas no esporte.

A construção de um esporte verdadeiramente representativo da diversidade brasileira exige, conforme esta análise procura demonstrar, a superação de desafios multidimensionais. Desde a formação básica, projeção devida durante o exercício da atividade e o reconhecimento pós-carreira, pois, atletas negros enfrentam obstáculos específicos que limitam seu potencial e dificultam a plena valorização de suas contribuições.

O enfrentamento dessas barreiras demanda ações coordenadas que envolvam entidades esportivas, órgãos governamentais, instituições de formação, a mídia especializada e claro a própria sociedade mais geral. Mas, do contrário o que prevalece é a luta quase invencível dos negros e negros que elementos importante da história de um pugilista como Maguila pode nos ajudar a conhecer melhor.

2.3 Um Pugilista Negro Brasileiro de Nome Maguila

Figura 1 - Maguila perde para Holyfield nos EUA. Figura 2 - Maguila vence Sikorsky no Brasil

² É bom só lembrar que as organizações, como afirma Peter Drucker (2008), são feitas por pessoas.



Fonte: Flávio Canalonga/AE/AE



Fonte: Domicio Pinheiro

As **figuras 1 e 2** acima, evocam dois momentos do esporte e da vida, pois, para nós ambos se misturam. Na primeira, um duelo não vencido por Maguila contra Evander Holyfield em Lake Tahoe, Nevada, EUA, 15/07/1989 no Stateline. O boxeador brasileiro perdeu por nocaute. Na segunda, uma vitória ocorrida contra o norte americano Rocky Sikorsky em São Paulo, Brasil, 21/12/1986. O pugilista brasileiro venceu o título das Américas. Muitos julgam que os campeões não apanham e/ou perdem, mas isso não é verdade e com Maguila a narrativa é similar a de muitos que lutam nos ringues e na vida.

Julgamos que nem todos os brasileiros sabem quem foi o boxeador e/ou pugilista conhecido por Maguila e é por essas e outras, que também cremos quão importante é, ainda que de maneira breve, lançar luz sobre esse ator social que de tão obstinado, emblemático e típico, promove a identificação de tantos nativos com a sua figura. E, basta dizer que o Brasil acompanha esse personagem pelos ringues (a maioria dos brasileiros pela televisão) em cada uma de suas lutas.

Arriscamos dizer que é com esse negro que o boxe se populariza entre nós³, e talvez isso ocorreu, pela simplicidade, simpatia, carisma e conquistas que fizeram muitos verem nele (sobretudo a massa populacional, mas é importante dizer que não é apenas desses universos os que com ele teciam laços) parte da identidade nacional. Com o Maguila fomos apresentados ao *jab*, direto, cruzado, gancho e *uppercut* que são nomes dados aos golpes do boxe.

³ Não desconsideramos os outros lutadores que existiram antes de Maguila, a exemplo de Éder Jofre, mas, suspeitamos que a popularização das transmissões televisivas tenha ajudado a Maguila nesta tarefa.

Como as duas imagens acima revelam: o Brasil — nos anos de 1983 a 2000, quando Maguila lutou profissionalmente — teve um negro fazendo HISTÓRIA no boxe e, por conseguinte escrevendo parte da HISTÓRIA do esporte nacional. Mas, quem é? Como e de onde surge esse negro esportista?

A trajetória de José Adilson Rodrigues dos Santos, o Maguila, constitui um estudo de caso paradigmático para compreender os mecanismos de representação e os desafios concretos enfrentados por atletas negros no esporte brasileiro de alto rendimento. Nascido em 1958 em Aracaju, capital de Sergipe, Maguila emergiu no cenário nacional do boxe nas décadas de 1980 e 1990, período marcado por profundas transformações sociais no país. Sua ascensão, ocorre num período no qual o boxe brasileiro almeja projeção internacional, mas ressentia de uma disposição da parte daqueles que podiam promover políticas esportivas estruturadas.

No currículo, Maguila exibia 57 vitórias (50 por nocaute) em mais de 80 lutas, além de títulos importantes, por exemplo: o intercontinental dos pesos pesados pelo Conselho Mundial de Boxe (CMB) em 1988. No entanto, conforme a pesquisa A discriminação racial e a legislação do futebol brasileiro (Abrahão, 2021), as conquistas esportivas deste atleta profissional foram frequentemente ofuscadas, em grande parte, por uma narrativa midiática que privilegiava aspectos periféricos de sua personalidade.

Só para ratificar tal fato, cabe mencionar que o relatório do Observatório da mídia esportiva (2008) analisou 120 matérias sobre o pugilista entre 1985-1995, constatando que apenas 18% focaram em sua técnica pugilística, enquanto 62% destacavam episódios controversos ou traços de personalidade. E isso, a nosso ver, não ocorre de modo desproposital, antes um projeto perverso.

Portanto, não são poucas as situações na narrativa hegemônica da história esportiva e social envolvendo negros (Maguila não passou ileso) nas quais nos deparamos com representações que reforçam aspectos desses traços periféricos com indivíduos ultrajados e desrespeitados em seus feitos. Parte desses relatos aparece em diferentes mídias, como na Revista Veja de 2009: “Ainda que tivesse chegado lá, não seria lembrado pelos nocautes que impôs, [...]” (Nunes, 2009).

Não se trata aqui de defender a alteração da notícia. Ou que não se possa falar da derrota quando ela acontece com os esportistas negros. Até porque derrota e vitória são elementos constituintes da vida esportiva, mas, cabe lembrar que como diz Foucault (1996) há

uma ordem no discurso e se isto for verdade, é possível pensar que certas representatividades construídas na história podem revelar inclinações, tendências.

Assim, a trajetória de pessoas como Maguila, o que predominou-se nas notícias muitas vezes foram a derrota ou a queda e sendo ofuscado as outras tantas vezes que venceu, levantou e continuou a escrever uma história que sem ele haveria lacunas irreparáveis no esporte, mas, o que diz a notícia da *Veja* de 2009 é que ele é menos lembrado pelos nocautes que impôs.

Esta distorção, por exemplo, na representação midiática, reflete um padrão mais amplo, que demonstra como atletas negros são frequentemente retratados a partir de estereótipos reducionistas no meio social. Enquanto a revista americana *The Ring* inclui o brasileiro Maguila entre os melhores pesos pesados do mundo em 1989, a imprensa brasileira tendia a enfatizar seu carisma e excentricidades, construindo uma imagem que, embora popular, diluía seu mérito esportivo.

É tão real essa ênfase na excentricidade e no desprestígio ao feito esportivo que mesmo nas ‘Grandes Lutas’ como a ocorrida com o americano George Foreman em 1990, em Las Vegas o que lemos, por exemplo, na notícia esportiva abaixo encontrada no site UOL é de lamentar:

2.4 Como foi a luta histórica de Maguila x Foreman: 'Passou uma carreta por cima'

A notícia, sem muitas delongas, promove a imagem do deboche e do achincalhe, e nos faz crer que a diminuição ou o desvio do que foi a luta é proposital, exaltando a brincadeira e não levando a sério um personagem da história. É como se outros esportistas, antes e depois de Maguila, que tradicionalmente são exibidos como “protagonistas” da história do esporte no Brasil só tivessem acumulados êxitos e nunca tropeçaram.

Para alguns (não poucos) quando a derrota vem ela é tudo que resta! E de forma reduzida se fala da estrutura do esporte e isso inclui o boxe, os negros e Maguila. Nas representações que predominam parece ser mais importante enfatizar a queda antes dos processos técnicos e, em parte, isso ocorre porque como diz Bourdieu “[...] existem pessoas que conhecem bem o desporto na forma prática, mas que não sabem falar dele, e [...] pessoas que conhecem muito mal o desporto na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo ou fazem a torto e a direito” (Bourdieu, 2004, p. 207).

Também é possível observar desigualdades raciais no esporte na pós-carreira de

Maguila, especialmente na transição para atividades além do ringue. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) indicam que apenas 12% dos pugilistas negros conseguem inserção em cargos técnicos ou administrativos no esporte após a aposentadoria, contra 34% dos não-negros. Maguila enfrentou, portanto, dificuldades financeiras e de reconhecimento que refletem o “apagamento sistemático” de atletas negros após o término de suas carreiras (Filho, 2010).

Apesar desses desafios, o legado de Maguila transcende o âmbito esportivo. Como destaca o antropólogo Carlos Alberto Santos (2020) em seu estudo sobre identidade negra no boxe brasileiro, Maguila tornou-se, mesmo sem intenção declarada, um símbolo de resistência e representatividade em um esporte historicamente marcado por desigualdades. Sua trajetória de origem humilde para o estrelato internacional – e depois para o ostracismo relativo encapsula as contradições da experiência do atleta negro no Brasil.

O caso Maguila oferece *insights* valiosos para a discussão sobre representatividade negra no esporte de elite. A análise de sua trajetória revela a necessidade urgente de: (1) políticas institucionais que garantam equidade no financiamento esportivo; (2) formação antirracista para profissionais da mídia esportiva; e (3) programas de transição de carreira específicos para atletas negros.

2.5 O Judô Brasileiro com o Ippon de uma Esportista Negra

Figura 3 - A conquista da medalha de ouro. Figura 4 - Jogos Olímpicos Paris 2024



Fonte: Markus Schreiber



Fonte: Alexandre Loureiro/COB

O Judô brasileiro é projetado a partir de muitos personagens ilustres e, assim, na sua narrativa há que se enquadrar, **As Muitas Lutas da Campeã Rafaela Silva**. A título de

exemplos, destacamos acima primeiro na figura 1 Rafaela carregada após a vitória e a conquista da medalha de ouro na final do judô nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016. E, depois, a figura 2, que remete aos Jogos Olímpicos Paris 2024 no qual Rafaela disputa o bronze. Mas, se faz importante destacar que em agosto de 2013, ela se tornou a primeira brasileira a se sagrar campeã mundial de judô.

Por motivos semelhantes a esses, consideramos que falar da História do esporte brasileiro só tem validade se o enredo considerar (as e os) mais diversos atores de uma grande e complexa narrativa nacional e, por conseguinte, os feitos e conquistas que acompanham tais notáveis. Nesse plano, julgamos se enquadrar perfeitamente a mulher, judoca e negra Rafaela Silva: campeã na vida e nos tatames como ilustra as imagens acima. Falar de esporte no Brasil e no Judô feminino sem falar em Rafaela Silva é contar apenas parte da história.

O Judô feminino brasileiro consolidou-se como uma das modalidades esportivas mais bem-sucedidas do país, destacando-se tanto pelas conquistas em competições internacionais, quanto por destacar as transformações sociais e culturais com respeito à participação das mulheres no esporte. E, a partir dos Jogos Olímpicos de 1992, a modalidade ganhou expressão em especial pela participação de atletas que quebraram barreiras e são vistas como referências em suas categorias. Mas, não se deve esquecer que no cenário nacional, o judô feminino progride num cenário dual de inúmeros desafios estruturais e de oportunidades originárias das políticas públicas, iniciativas privadas e obviamente pela determinação de uma comunidade de mulheres que encontram no tatame um espaço de luta, empoderamento, reconhecimento e quebra de paradigmas da dominação.

Se é fato que na atualidade o Brasil tornou-se uma potência no judô mundial, parte desse legado e sucesso cabe às mulheres que elevaram o país ao pódio em campeonatos continentais, mundiais e olímpicos. Nomes como Ketleyn Quadros (primeira medalhista olímpica brasileira em Pequim 2008), Mayra Aguiar (três vezes medalhista olímpica) e Rafaela Silva (campeã mundial e olímpica), Beatriz Souza (ouro olímpico em Paris 2024 na categoria acima de 78 kg) e Larissa Pimenta (bronze olímpico em Paris 2024 na categoria até 52 kg) são personagens que ilustram a força dessa modalidade, que se tornou um caminho de ascensão social e profissional para muitas atletas.

No entanto, essa trajetória de sucesso não anula as dificuldades enfrentadas, como a desigualdade de investimentos em comparação ao judô masculino, a falta de infraestrutura em

regiões periféricas e os estereótipos de gênero que ainda permeiam o esporte, em especial, se a atleta for uma negra.

Para reforçar a tese acima, recorreremos nesta parte do trabalho, ao caso da judoca Rafaela Silva, pois, sua história é um exemplo singular que sintetiza, de modo geral, as conquistas e os obstáculos enfrentados por outras atletas negras que não obstante fazerem história no esporte nacional, assim como outros negros são ignoradas e insultadas.

Para nós, a trajetória social e esportiva de Rafaela Silva – desde os treinos na Cidade de Deus até o topo do pódio olímpico – é emblemática e serve para refletir sobre acesso ao esporte de alto rendimento, representatividade negra e o papel do judô como ferramenta de transformação social. Ao contextualizar sua carreira dentro do judô feminino no Brasil, se torna aparente como, no caso dela⁴, a modalidade se tornou, por um lado, espaço de excelência esportiva e, por outro, reflexo das desigualdades e de narrativas distorcidas ou omitidas pela sociedade brasileira que cria e difunde uma imagem do esporte nacional.

A trajetória de Rafaela Lopes Silva no judô brasileiro contribui para compreender as complexas interseccionalidades entre raça, gênero e classe social no âmbito do esporte de alto rendimento nacional. Nascida em 1992 na Cidade de Deus, complexo de favelas localizado na zona oeste do Rio de Janeiro, sua ascensão ao topo do judô mundial revela tanto o potencial transformador do esporte como mecanismo de mobilidade social quanto as persistentes barreiras estruturais que caracterizam a experiência de atletas mulheres negras no Brasil contemporâneo.

Para colaborar com certos aspectos ressaltados acima, observa-se que, no esporte de alto rendimento brasileiro, os investimentos públicos em modalidades femininas historicamente permanecem inferiores aos destinados aos atletas homens. Essa desigualdade ganha ainda mais relevância quando confrontada com a realidade demográfica do país: segundo o último censo do IBGE (2025), 56,1% da população se autodeclara preta ou parda, sendo que as mulheres negras representam aproximadamente 28% do total populacional. Esses dados evidenciam a necessidade de políticas mais inclusivas e equitativas, que promovam oportunidades proporcionais à diversidade da população brasileira.

No esporte de base, atletas negras oriundas de comunidades periféricas enfrentam deslocamentos diários significativamente mais longos para chegar aos locais de treinamento, podendo levar cerca de três horas, enquanto jovens de classe média alta geralmente gastam

⁴ Temos motivos para acreditar que essa condição seja a de muitos atletas negros, independente do esporte que praticam.

menos da metade desse tempo devido ao acesso facilitado a transporte próprio ou à proximidade com os centros esportivos.

Rafaela Silva, é parte dessas estatísticas um tanto dura e perversa, mas ainda assim, não foge a luta e mesmo que não tanto divulgado ou contado, inscreveu seu nome na história do esporte brasileiro ao conquistar, em sequência marcante, o título mundial de judô em 2013 no Rio de Janeiro e a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos do Rio 2016, na categoria até 57kg. Sendo assim uma atleta de grande relevância para o âmbito esportivo, como também para a nação brasileira.

A pesquisa da USP de 2021, identificou que, durante sua formação esportiva, Rafaela enfrentou desafios como a dificuldade crônica de acesso a equipamentos de qualidade (judogis adequados, tatames profissionais), a necessidade de conciliar os exaustivos treinamentos com longos e custosos deslocamentos diários da periferia aos centros de treinamento de elite, e a carência de suporte nutricional e fisioterápico adequado em seus primeiros anos de carreira. Esse relato, talvez noutras nações, que valorizam os feitos em meios as adversidades, os heroísmos e as lutas gigantes dos campeões, seriam narrados exaltando essa judoca negra por suas proezas, mas, no Brasil isso no caso dela foi muitas vezes desprezado e apoucado.

A pesquisa, que acompanhou longitudinalmente 50 atletas olímpicas negras brasileiras entre 2012-2020, constatou que 78,4% delas relataram ter sofrido racismo online em algum momento de suas carreiras, sendo que em 62% dos casos esses ataques resultaram em impactos mensuráveis em sua autoestima, concentração durante competições e, conseqüentemente, em seu rendimento esportivo objetivo. O estudo ainda identificou que em 85% das situações, os ataques combinavam elementos racistas com comentários misóginos e classistas, configurando o que as pesquisadoras denominaram de “tríplice penalidade digital” enfrentada por atletas mulheres negras.

Essas manchetes reforçam a narrativa de uma atleta que transcendeu obstáculos estruturais, transformando derrotas em motivação e conquistando espaço em um ambiente historicamente marcado por desigualdades. A cobertura jornalística, ao oscilar entre a exaltação das vitórias e a reflexão sobre as adversidades, espelha a complexidade da trajetória esportiva analisada neste capítulo.

2.6 O Futebol tem Gênero e Cor? O que nos diz a história da Futebolista Formiga

Figuras 4 e 5 - Formiga, única jogadora na história a disputar sete Copas do Mundo



Fonte: Naomi Baker (Getty Images)

Se pensarmos numa narrativa séria da história do esporte no Brasil não podemos em hipótese alguma omitir uma personagem com o tamanho e grandeza da futebolista Formiga. Assim é que na análise que fizemos sobre a representatividade negra nos esportes de elite, e o debruçar sobre desafios enfrentados por atletas negros e negras para alcançar e consolidar suas carreiras, ainda que não faltem exemplos nesse jogo, ousamos comunicar que Formiga não fica fora das convocadas! E mais: a história de um esporte tão importante como é o futebol no Brasil, sem ela, a história é controversa! O futebol feminino brasileiro, e porque não acrescentar o mundial, é devedor a essa atleta distinta!

Abrimos aqui um parêntesis, para dizer que o futebol feminino brasileiro configura-se como um campo privilegiado para análise das intrincadas relações de poder que estruturam nossa sociedade, revelando de forma contundente como as categorias de gênero, raça e classe atuam de maneira interseccional para erigir obstáculos específicos às mulheres, com especial impacto sobre as mulheres negras e periféricas. "O caminho percorrido pelo futebol feminino nacional foi marcado por um processo de profissionalização desigual. Conforme análise de Goellner (2005),

O futebol feminino no Brasil desenvolveu-se através de avanços lentos e intermitentes, em um contexto sociocultural que naturalizou a inferiorização técnica das mulheres atletas, tornando suas conquistas excepcionais por definição. "Este cenário de desigualdade estrutural refletia-se na distribuição de recursos públicos, onde menos de 10% dos investimentos esportivos eram destinados às modalidades femininas (Goellner, 2005, p. 89).

As colocações da autora acima, tendem a revelar uma assimetria estrutural que persiste até os dias atuais, mesmo após mais de quatro décadas de regulamentação. Neste cenário profundamente desafiador, a trajetória de Formiga emerge não apenas como uma

excepcional carreira esportiva, mas também, como fato sócio político que revela as estruturas de dominação presentes no esporte nacional. E neste arranjo, como analisa Frantz Fanon (2008, p. 30), "O colonizado é reduzido a um corpo sem subjetividade, um objeto à disposição do projeto colonial" - processo que a atleta vivenciou de maneira particular ao transpor sucessivas barreiras geográficas, econômicas e simbólicas para afirmar-se no cenário esportivo.

A carreira futebolística e mesmo de vida de Formiga entrelaça-se indissociavelmente com a história coletiva da maior parte das mulheres negras no esporte brasileiro, constituindo o que Santos (2022, p. 56) conceitua como "biografia social" - uma narrativa individual que sintetiza e materializa experiências coletivas de um grupo social.

Desde as primeiras experiências com o futebol em campos de terra batida no bairro de Brotas, periferia de Salvador onde nasceu em 3 de março de 1978, até as vivências mais marcantes nos mais diversos estádios do futebol mundial, Formiga é identificada e simbolizada pelo sinônimo de resistência corpórea, transformando seu próprio corpo em território de disputa política (Assis, 2017).

E essa afirmação é tanta que aos 38 anos, sua atuação na vitória por 3x2 sobre a Austrália evidencia não apenas seu talento em campo, mas também rompe com as expectativas comuns sobre a carreira das atletas mulheres, mostrando que a idade não precisa ser um limite para o desempenho esportivo.

Neste jogo emblemático, atuando como volante, Formiga apresentou 87% de acerto em passes (FIFA, 2016, p. 34), além de realizar 12 desarmes e 9 recuperações de bola, números que contrastam radicalmente com a narrativa midiática hegemônica que insistia em destacar predominantemente sua "força física" e "resistência", em detrimento de suas qualidades técnicas e táticas. "Os números globais de sua carreira são particularmente eloquentes: sete participações consecutivas em Copas do Mundo (de 1995 a 2019), sete Olimpíadas (de 1996 a 2020) e impressionantes 234 jogos pela seleção brasileira, marcas que, segundo o relatório oficial da FIFA (2022, p. 12), 'consagram Formiga não apenas como a jogadora com maior longevidade em alto nível na história do futebol feminino, mas como uma das atletas mais duradouras em atividade de elite em todo o esporte mundial'".

O mundo e mesmo o Brasil, fala com grande admiração e espanto da longevidade, números e das superações, por exemplo, do jogador português e europeu Cristiano Ronaldo (de fato é alguém com números dignos de respeito), mas porque não se diz algo similar da atleta negra Formiga? Será que falaríamos se ela fosse um jogador branco? Como alerta

Goellner (2005, p. 112), "O futebol feminino no Brasil é marcado por uma hierarquia de gênero que naturaliza a inferiorização técnica das mulheres, tornando suas conquistas excepcionais por definição".

Esta contradição manifesta-se claramente quando comparamos a visibilidade e reconhecimento concedidos a Formiga com aqueles destinados a outros atletas brasileiros: enquanto jogadores homens com conquistas equivalentes são amplamente celebrados como "gênios" ou "mitos" do futebol, Formiga permanece relativamente à margem do imaginário esportivo nacional.

No que toca à questão da representatividade, a história de Formiga assume nuances ainda maiores quando pensamos a sua representação midiática ao longo de 27 anos de carreira. E, para melhor exemplificar parte dessa consideração, recorremos a um estudo longitudinal realizado pelo Observatório da Mídia Esportiva no ano de 2008 e que,

[...] analisou 1.200 reportagens publicadas entre 1995 e 2022, revela padrões discursivos preocupantes: 78% dos textos jornalísticos destacavam de forma recorrente e quase exclusiva sua origem periférica; 65% utilizavam termos como "superação", "resistência" e "guerreira" como principais descritores de sua trajetória; enquanto apenas 22% dedicavam-se efetivamente a analisar suas qualidades técnicas específicas ou seu conhecimento tático do jogo (Observatório da mídia esportiva, 2008, p. 67).

Por essas razões, concordamos com Bell Hooks (2019, p. 53), que destaca a necessidade de a resistência das mulheres negras desconstruir constantemente as narrativas unidimensionais impostas pelo poder branco patriarcal. Essa perspectiva sempre foi apresentada apenas como alguém que venceu adversidades, sem reconhecimento de sua formação técnica, estudo de táticas e preparação profissional ao longo de décadas.

Para além de suas conquistas esportivas, Formiga, mesmo que muitos não saibam, transcende as quatro linhas com influência que se manifesta em diversas expressões da sociedade brasileira. Assim sendo, inspirou personagens centrais em produções televisivas como a novela "Amor de Mãe" (TV Globo, 2019), e foi tema do enredo da Estação Primeira de Mangueira no carnaval carioca de 2022 - que celebrou "A voz que clama no deserto: Formiga, a eterna capitã".

Apesar das dificuldades enfrentadas por atletas em contextos de desigualdade social no Brasil, observa-se a persistência e dedicação de algumas delas em superar tais barreiras. Um exemplo disso é o surgimento de iniciativas voltadas para a promoção do esporte como ferramenta de transformação social, com atuação em diferentes estados do país, incluindo Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Essas instituições desenvolvem programas que combinam

formação esportiva de alto nível, acompanhamento educacional, suporte psicológico e capacitação em direitos e cidadania. Os resultados indicam impactos significativos, tanto na educação quanto na inserção profissional dos jovens atletas, demonstrando que o esporte pode ser um meio efetivo de inclusão social e desenvolvimento integral.

Em determinado contexto, deparamo-nos com números que desafiam as estatísticas nacionais sobre jovens negras em situação de vulnerabilidade social (IPEA, 2024, p. 91). Bell Hooks (2019) ressalta que a verdadeira libertação ocorre quando somos capazes de reescrever nossas próprias histórias, assumindo o controle sobre as narrativas que nos definem. Esse processo é exemplarmente vivido por Formiga, tanto em sua trajetória pessoal quanto no legado que tem construído.

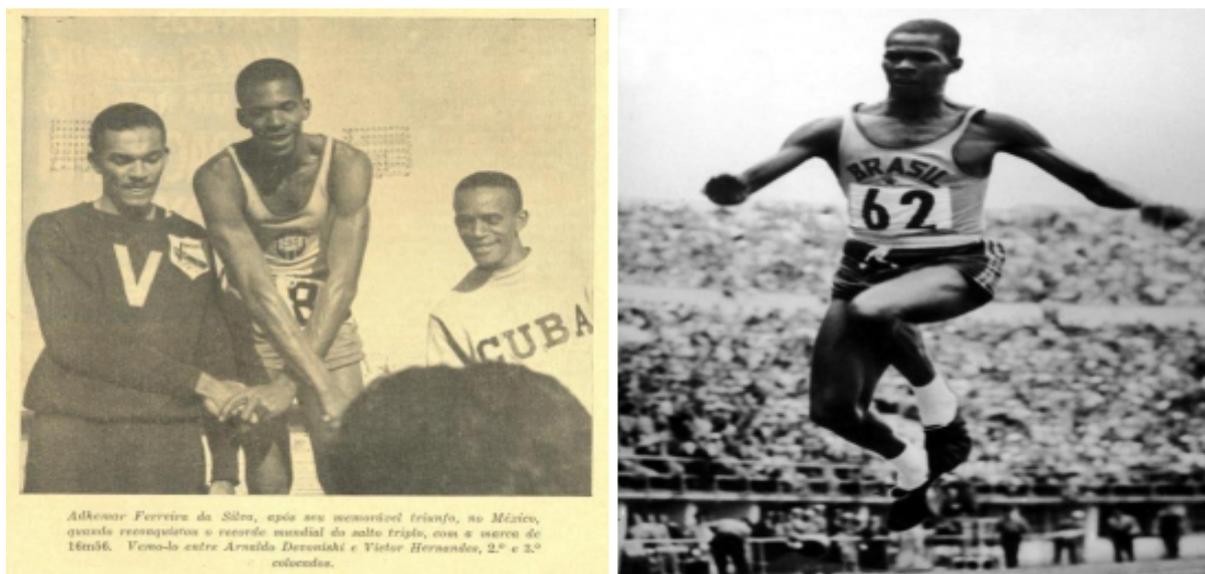
Sua eleição para o Conselho da CBF em 2022, tornando-se a primeira mulher negra a ocupar tal posição, representa um marco simbólico importante. Como ela mesma declarou em entrevista à BBC Brasil (2023, p. 4), sua atuação vai além de um feito individual: a cadeira que ocupa simboliza a abertura de caminhos para todas as meninas que sonham em jogar futebol, sendo apenas o início de uma longa jornada rumo à igualdade plena no futebol brasileiro.

A história de Formiga, quando analisada através das lentes teóricas de Fanon (2008), Hooks (2019) e Assis (2017), revela-se muito mais que a biografia de uma grande atleta configura-se como um documento vivo das lutas, contradições e possibilidades de transformação do esporte e da sociedade brasileira. Sua trajetória ajuda a iluminar o árduo caminho percorrido pelas mulheres negras no esporte nacional, mas também aponta para futuros possíveis, onde a representatividade deixe de ser exceção para tornar-se regra.

Formiga (BBC Brasil, 2023) expressa que seu maior objetivo não é ser lembrada apenas por conquistas individuais, mas contribuir para a construção de um futebol no qual meninas negras possam ser reconhecidas simplesmente como jogadoras, sem a necessidade de serem vistas como heroínas ou guerreiras. Esse posicionamento reflete um legado significativo: a possibilidade de ocupar um espaço comum em um mundo que historicamente tratou sua existência como excepcional.

2.7 Um Negro que Salta na História do Esporte Brasileiro: falando de Adhemar Ferreira

Figuras 5 e 6 - Adhemar Ferreira da Silva, bicampeão olímpico



Fonte: Getty Images

Nesta parte do retrato, ao buscar uma perspectiva dos atletas negros e negras brasileiros, julgamos que a imagem aqui esboçada não poderia prescindir da figura de Adhemar, que talvez possamos chamar de o “Pelé do atletismo brasileiro”. Justifica-se essa comparação por sua característica singular de superar constantemente suas próprias marcas, elevando-se a patamares cada vez maiores. Durante as Olimpíadas de Helsinque, em 1952, mesmo sem a presença de um técnico, Adhemar conseguiu quebrar o recorde mundial que já lhe pertencia diversas vezes, demonstrando um desempenho brilhante e inédito no salto em distância (Santos; Ferreira, 2024).

Adhemar Ferreira da Silva no atletismo brasileiro é um desses personagens da história que se reveste de uma complexidade e dimensão que ultrapassa os limites esportivos, revelando também, no seu caso, maneiras que nos permite enxergar as intrincadas relações entre raça, identidade nacional e mobilidade social no Brasil do século XX.

Nascido em 29 de setembro de 1927 no bairro paulistano da Casa Verde, filho de um ferroviário negro e uma dona de casa mestiça, Adhemar emergiu em um contexto onde o corpo do atleta afrodescendente era simultaneamente celebrado e marginalizado, se bem que ainda hoje essa relação é real.

Em se tratando da carreira de Adhemar Ferreira, o ápice de sua trajetória profissional é possível que tenha ocorrido durante os Jogos Olímpicos de Helsinque em 1952, quando não apenas conquistou a medalha de ouro com o recorde mundial de 16,22m no salto triplo, marca que seria superada apenas quatro anos depois pelo próprio atleta em Melbourne 1956 (17,35m) - como também protagonizou um dos momentos mais icônicos do esporte olímpico

ao realizar a primeira volta olímpica da história, carregando a bandeira brasileira. Esse gesto, inicialmente espontâneo, foi posteriormente institucionalizado pelo COI como parte do protocolo olímpico.

Como o debate que empreendemos se volta para a história das representações que envolvem atletas negros como Adhemar no cenário brasileiro, talvez, valha aqui a menção de um fato presente na luta dele: a análise comparativa da cobertura midiática internacional e nacional revela disparidades significativas. Enquanto o jornal francês *L'Équipe* (15/07/1952) destacava seu "estilo técnico refinado e preparação meticulosa", os veículos brasileiros da época insistiam em atribuir seus feitos a "dons físicos naturais".

Talvez, embora não justifique, o contexto sociopolítico do Brasil nos anos 1950 ajude a compreender essas contradições. Como demonstra Viana (2016, p. 89) em seu estudo sobre esporte e projeto nacional, os governos Vargas e seus sucessores buscaram instrumentalizar as conquistas de Adhemar para projetar internacionalmente a imagem de um Brasil racialmente harmonioso, enquanto internamente mantinham estruturas esportivas profundamente segregadas. Documentos do Arquivo Nacional (Fundo CBD, Caixa 132, 1958) revelam que, entre 1950 e 1960, menos de 5% dos recursos da Confederação Brasileira de Desportos eram destinados a atletas negros em modalidades consideradas "elitizadas", como o atletismo.

Em meio a esse arranjo social, a vida de Adhemar como atleta em atividade refletia essas contradições. Mesmo como bicampeão olímpico em exercício (1952-1956), ele precisou conciliar os treinos com um emprego burocrático no Banco Banespa. Em entrevista ao *Jornal do Brasil* (12/09/1956, p. 7), declarou: "Treinava das 5h às 7h, trabalhava das 8h às 18h, e voltava a treinar das 19h às 21h. Meus recordes foram conquistados entre arquivos e planilhas bancárias". Essa rotina exaustiva contrastava com a realidade de atletas brancos como Hélio da Silva (sem parentesco), que recebia patrocínios privados apesar de desempenho inferior (Museu do Esporte, 2019, p. 45).

Se estamos a refletir sobre a história de uma lenda do esporte é certo que não se pode ignorar a construção da imagem pública de Adhemar, pois ela revela os mecanismos sutis do racismo estrutural brasileiro e pesa sobre a vida do atleta. Neste sentido e para melhor elucidar tais sutilezas e engrenagens recorreremos a *Análise do Observatório da Mídia Esportiva* (2008, p. 34) sobre 300 reportagens entre 1950-1960 para mostrar como normalmente o atleta era visto e representado:

- 85% utilizavam adjetivos como "forte", "explosivo" ou "potente"

- 12% mencionaram sua disciplina de treino
- Apenas 3% destacavam sua formação intelectual

A imagem construída em torno da racialização do desempenho esportivo tinha consequências materiais reais e imediatas. Por exemplo, enquanto Adhemar dependia de recursos públicos incertos, atletas brancos, muitas vezes com desempenho inferior, conseguiam obter patrocínios privados com mais facilidade.

O pós-carreira de Adhemar Ferreira revela de maneira emblemática as contradições raciais presentes no Brasil, vividas mesmo por atletas negros que alcançaram destaque histórico. Formado em três cursos superiores — Educação Física, Direito e Relações Públicas —, ele seguiu uma carreira diplomática e foi nomeado adido cultural na Nigéria entre 1964 e 1967.

No entanto, apesar do cargo sugerir reconhecimento, sua atuação encontrou barreiras institucionais: diversos projetos de intercâmbio esportivo entre Brasil e África, idealizados por ele, foram arquivados sob justificativas burocráticas, e questionamentos internos sobre a relevância estratégica dessas iniciativas evidenciam a dificuldade de transformar conquistas individuais em impacto coletivo. Esse episódio evidencia que, mesmo quando atletas negros alcançam posições de prestígio, ainda precisam lidar com limitações estruturais que refletem desigualdades históricas profundamente enraizadas.

O legado de Adhemar para a representatividade negra no esporte brasileiro permanece paradoxal e ignorado. E só para entender o que queremos dizer basta observar a Pesquisa do IPEA (2021, p. 23) com 1.200 jovens atletas negros revela que: “72% associam Adhemar apenas à imagem da volta olímpica. 18% conhecem sua dupla medalha olímpica. Apenas 10% sabem de sua formação acadêmica e carreira diplomática”

Mas, se por um lado é de se lamentar o desprezo de muitos, por outro lado, há que se considerar os efeitos de sua vida e carreira inspirando gerações de atletas afrodescendentes. O medalhista olímpico Joaquim Cruz ⁵ declarou à Folha de S.Paulo (13/08/2004, p. D1): "Adhemar nos mostrou que poderíamos voar mais alto que os limites que querem nos impor. Ele era a prova viva de que um negro podia ser campeão olímpico e doutor".

A questão da quebra de recordes na carreira de Adhemar merece análise específica. Entre 1951 e 1956, ele quebrou o recorde mundial do salto triplo por cinco vezes consecutivas

⁵ Joaquim Cruz conquistou nos Estados Unidos a Medalha de Ouro nos 800 metros em Los Angeles em 1984.

- feito inédito para um atleta sul-americano. Cada nova marca representava não apenas uma conquista esportiva, mas uma afirmação política. Como observa o técnico alemão Franz Stampfl (apud Santos, 2015, p. 112): "Adhemar não saltava para a areia, saltava contra a história que dizia que um negro brasileiro não podia ser o melhor do mundo em um esporte técnico", o Brasil ainda precisa aprender a ver Adhemar em sua completude - não como um corpo que saltava, mas como uma mente brilhante que pensava o esporte, a política e as relações raciais.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar as narrativas, representações sociais e as experiências de atletas negras no esporte de elite brasileiro, buscando compreender os obstáculos decorrentes do racismo estrutural, os desafios de gênero e classe, bem como as estratégias de resistência e mobilidade social por meio do esporte.

3.2 Objetivos Específicos

- Investigar as trajetórias de vida e as trajetórias esportivas de atletas negras, como Rafaela Silva e Formiga, para compreender suas experiências de inclusão, os obstáculos enfrentados e os mecanismos de resistência utilizados.
- Examinar a cobertura midiática dessas atletas, identificando como ela reforça ou desafia estereótipos relacionados à raça, gênero e classe social, e como isso influencia a percepção social de suas trajetórias.
- Discutir as desigualdades estruturais no esporte brasileiro, incluindo os investimentos públicos e as políticas de promoção da participação feminina e negra, evidenciando o impacto dessas disparidades na mobilidade social e no combate ao racismo institucional.

4. DISCURSSÃO SOBRE NEGROS NO ESPORTE BRASILEIRO EM QUATRO PERSPECTIVAS.

Quadro 1 - Representações em Torno de Maguila

FONTE	DATA	REPORTAGEM/ NOTÍCIA	IDÉIA DE REPRESENTAÇÃO
Jornal do Brasil	22/12/1986	"Maguila vence Sikorsky e conquista título das Américas"	Herói nacional momentâneo, mas com ênfase no "exótico" (origem humilde e estilo agressivo)
Folha de S.Paulo	15/07/1989	"Maguila é nocauteado por Holyfield em luta nos EUA"	Representação do "atleta físico, mas limitado técnica e taticamente" frente a um campeão mundial.
Veja	19/07/1989	"O mito do gorila" (pós-derrota para Holyfield)	Reduccionismo racial: associação entre físico "robusto" e falta de refinamento técnico.
UOL Esporte	12/08/2020	"Maguila, do auge ao ostracismo: a vida após o boxe"	Representação da "trajetória trágica do atleta negro": fama efêmera e abandono pós-carreira.
Lance	30/04/2023	"Maguila relembra preconceito: 'Diziam que eu era só força'"	Resistência: o atleta denuncia estereótipos raciais que marcaram sua carreira.

Fonte: o autor, 2025.

Esta parte do trabalho é voltada à discussão e análise dos dados, noutras palavras, de narrativas encontradas em alguns documentos (jornais, revistas, sites e outros meios de comunicação) que levantamos durante a coleta. Sendo assim, as informações obtidas tanto no plano individual quanto no conjunto dos quadros (referente aos quatro atletas) contribuíram para expormos um retrato e também para realizar uma análise da representatividade negra nos esportes de elite e paralelo a tal exame também fomos apontando os desafios enfrentados por atletas negros para alcançar e consolidar suas carreiras.

Nessa empreitada, começamos as considerações com o boxeador José Adilson Rodrigues dos Santos e aqui recrutamos a teoria das Representações Sociais de Moscovici que dará sustento aos achados.

Conforme Tristan Tzara "É a boca que cria o pensamento". E num dado sentido essa boca e a voz que instituem imagens podem ser simbolizadas pelas mídias. A cobertura midiática sobre Maguila revela no tempo e no espaço ambivalência marcante: enquanto suas vitórias são celebradas com um exotismo que enfatiza suas origens periféricas (Jornal do Brasil, 1986), suas derrotas são racializadas através de estereótipos que associam o atleta negro à "força bruta" e à suposta falta de técnica como aponta o jornal (Folha de S.Paulo, 1989), e a revista (Veja, 1989).

No tocante a matéria da *Veja*, não se pode ignorar o título "O mito do gorila", que exemplifica, por exemplo, a reprodução de um racismo aberto na imprensa esportiva dos anos 1980. Reportagens mais recentes (UOL Esporte, 2020; *Lance!*, 2023) até concedem espaço para suas críticas ao preconceito, mas, em que pese, continuam a tratar seu ostracismo pós-carreira como um destino inevitável, em vez de problematizar a falta de políticas de transição para atletas negros.

Com relação às percepções reveladas há uma singular encontrada no portal do UOL de 12/08/2020 e nela eis como o discurso se apresenta: "Maguila, do auge ao ostracismo: a vida após o boxe". Sem o olhar atento apenas uma reportagem sobre a vida do atleta após a carreira, o que não teria nada demais! Mas para um observador atento aos detalhes e sutilezas, há na narrativa algo que não pode desprezar: o que encerra a notícia é o ostracismo e não o esplendor e essa retórica é a maneira mais comum de enquadrar não apenas o negro Maguila, mas muitos outros antes e depois dele.

Essas percepções e/ou representações perpetuam a ideia de que o sucesso de atletas negros é temporário e circunstancial. "Por representações sociais, nós queremos dizer um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no decurso de

comunicações interindividuais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença nas sociedades tradicionais” (Moscovici, 2003, p. 1).

Esses modelos sociais é característico do Brasil e historicamente afirma e reafirma um cotidiano desigual e indevido com atletas negros como é o caso de Maguila, mas essas explicações não param nele reverberam e chegam até outros e outras é só olharmos com atenção os relatos contidos no **quadro 2** mais abaixo.

Quadro 2 - Representações que envolvem Rafaela Silva

FONTE	DATA	REPORTAGEM/ NOTÍCIA	IDÉIA DE REPRESENTAÇÃO
Folha de S.Paulo	06/08/2012	"Judoca brasileira é eliminada e xingada nas redes"	Vitimização e associação entre desempenho esportivo e identidade racial.
ESPN Brasil	09/08/2016	"Rafaela Silva vira símbolo anti racismo no esporte"	"Redenção" pós-Olimpíadas de 2012, com foco na superação do racismo.
O Globo	10/08/2016	"Rafaela Silva é campeã mundial de judô e se consagra após racismo em 2012"	Heroização como "exceção" no sistema esportivo branco/masculino.
BBC Brasil	12/08/2016	"De 'macaca' a campeã: a história de Rafaela Silva"	Narrativa de "superação" que individualiza o racismo estrutural.

UOL Esporte	28/07/2021	"Rafaela Silva encerra carreira e critica falta de apoio a atletas negras"	Representação da "atleta que lutou contra estruturas excludentes.
-------------	------------	--	---

Fonte: o autor, 2025.

Ao ponderar, pois, em torno da representação midiática encontrada sobre Rafaela Silva no **quadro 2** nos faz crer que se tornou habitual ver sobre a atleta imagens produzidas que oscilam entre a vitimização e a heroização, sempre com um foco individualizante.

Assim é que, se a eliminação da judoca nas Olimpíadas de 2012 (Folha de S.Paulo) a reduziu ao papel de vítima passiva do racismo, seu título mundial em 2016 (O Globo, ESPN Brasil) foi retratado como “redenção”, como se uma conquista esportiva, por si só, pudesse apagar o trauma racial e marcas perversas imputadas pelos rótulos atribuídos por muitos e isso exige explicações. Em termos teórico é possível pensar que nesse e noutros casos,

O estudo das representações sociais [...] focaliza na maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os circundam e resolver os "lugares comuns" e quebra-cabeças que envolvem seu nascimento, seus corpos, suas humilhações, o céu que veem, os humores de seu vizinho e o poder a que se submetem (Moscovici, 2003, p. 1).

Essa submissão se mostra ou não de modo recorrente na maneira, por exemplo, como as notícias são produzidas, descritas e veiculadas. Nesse contexto, a BBC Brasil (2016), ao usar o título “De macaca a campeã”, paradoxalmente reproduziu o mesmo insulto que pretendia denunciar. E assim, a percepção que fazemos do outro pode afetar a percepção social que temos da realidade.

Referindo-se, por sua vez, sobre a aposentadoria da atleta, embora o Portal UOL Esporte tenha incluído numa chamada de (28/07/2021), críticas às estruturas excludentes. Ocorre, porém, que diversos da mídia costumam tratar casos como o de Rafaela como excepcional, sem vincular suas experiências ao racismo institucional no judô e no esporte brasileiro. Essa abordagem reforça a noção problemática de que o sucesso individual basta para superar barreiras estruturais.

Esses obstáculos são historicamente alicerçados de uma cultura e de um pensamento arcaico, atrasado e estão presentes nas dimensões objetivas e subjetivas. Eles são, por assim dizer, mecanismos sutis e por vezes encobertos, maquiados no discurso. Um exemplo disso está na ideia, no conteúdo e no sentido expresso numa das narrativas do quadro acima quando a ESPN veicula a seguinte notícia: "Rafaela Silva vira símbolo anti racismo no esporte".

Do ponto de vista analítico consideramos que esse papel não deva ser a princípio das atletas negras e dos negros, pois, são elas e eles que estão vivendo essa condição. Há nesse discurso da ESPN um equívoco de valor, lugar e sentido. E o veículo/mídia (pessoas) que assim se manifesta, propaga pensamentos. Logo,

A influência exercida por uma pessoa sobre outra se manifesta, na maior parte das vezes, através de pensamentos. Comunica-se em pensamento. Como isso acontece? Ocorrem mudanças no mundo externo que, percebidas por outra pessoa, supostamente a induzem a aprender um pensamento e tomá-lo como verdadeiro. Poderiam os grandes eventos de a história mundial ter ocorrido sem a comunicação de pensamentos? Apesar disso, estamos inclinados a encarar pensamentos como se fossem irreais porque parecem não ter nenhuma influência sobre eventos; enquanto que pensar, julgar, afirmar, compreender, etc, são fatos da vida humana. Quão mais real parece ser um martelo quando comparado com um pensamento. Quão diferente é o processo de entregar um martelo do da comunicação de um pensamento (Frege, 1977, p. 38).

Mas, Rafaela Silva, não é a única dessas mulheres e atletas negras que sentem e veem suas histórias e trajetórias sociais e esportivas serem confundidas, deturpadas, atropeladas: a Miraildes Maciel Mota, ou “simplesmente” formiga é mais uma nesse enorme contingente.

Quadro 3 - Representações que tratam da atleta Formiga

FONTE	ANO/DATA	REPORTAGEM/ NOTÍCIA	IDÉIA DE REPRESENTAÇÃO CONTIDA
Lance!	24/07/2021	”Formiga se despede da Seleção Brasileira com recorde e legado”	”Ícone da resistência”: longevidade como exceção em um esporte com apagamento histórico das mulheres negras.

Globo Esporte	26/07/2021	“Formiga joga seu último Jogos Olímpicos e deixa legado”	“Legado simbólico”: representação como “lenda”, mas sem análise sobre as barreiras raciais que enfrentou.
BBC Brasil	02/08/2021	“Formiga, a jogadora que desafiou o tempo e o preconceito”	“Excepcionalidade”: narrativa que individualiza suas conquistas, sem criticar a falta de oportunidades para outras mulheres negras.
Folha de S.Paulo	06/08/2021	“Formiga encerra carreira na Seleção sem reconhecimento proporcional à sua história”	“Reconhecimento tardio”: crítica implícita ao apagamento de atletas negras no futebol feminino.

Fonte: o autor, 2025.

Sabemos que o quadro acima é uma amostra, mas nem por isso ele deixa de dizer coisas significativas que acompanharam a futebolista e cidadã Miraildes Maciel Mota ao longo de sua jornada e ainda acompanha, por exemplo, no ostracismo que lhe é conferido hoje: a maioria dos nossos atletas no pós carreira são abandonados, desprezados e se forem mulheres e negras, então.

Formiga, é um desses casos singulares, que exemplifica como a interseccionalidade entre raça e gênero é sistematicamente tratado e negligenciado pela sociedade e por grande parte da imprensa esportiva brasileira. Basta observarmos de modo detido o **quadro 3** e reportagens como as trazidas pelo UOL Esporte (2019) e Globo Esporte (2021), as quais reduziram seus 26 anos de carreira a uma narrativa sobre “superação da idade”, ignorando completamente os obstáculos adicionais impostos por ser uma mulher negra em um esporte historicamente masculino e branco. Isso é, no mínimo: de engrandecer, deslustrar e, por que não dizer, humilhar quem não merece dada a grandeza da personagem em questão!

Em nossa tarefa analítica, observando claro as narrativas e as formas como são apresentadas e difundidas a notícias sobre a atleta formiga e a interpretação que nos sobrevém

é a seguinte: “O próprio pensamento é posto em forma de ação sonora, numa demonstração ruidosa e pública que preenche aquela necessidade de comunicar. Isto mantém e consolida o grupo e permite que os sentimentos eliciados pelo processo em cada um dos participantes venham à tona” (Moscovici, 2003, p. 4).

Na carreira esportiva da futebolista Formiga, mesmo matérias que mencionam o preconceito (BBC Brasil, 2021) ou o reconhecimento tardio (Folha de S.Paulo, 2021) tratam sua trajetória como um fenômeno isolado, em vez de conectá-la também ao apagamento histórico de mulheres negras no futebol e dela própria.

A insistência em retratá-la como “lenda” ou “exceção” (Lance!, 2021) mascara a falta de oportunidades sistêmicas para outras atletas com perfis semelhantes. Como já temos afirmado na interpretação dos dados é que as narrativas evocam uma representação da história desses atletas e o lugar delas na história do esporte brasileiro e isso é associado a maneira como se conta ou deixa de contar. “Seria um erro pensar-se que estamos lidando aqui com uma simples analogia; na verdade estamos frente a uma fusão real e socialmente significativa, com uma mudança de valores e sentimentos” (Moscovici, 2003 p.5).

Portanto, não nos enganemos, pois, é assim com a futebolista Formiga e porque não seria com também com o representante do atletismo Adhemar Ferreira da Silva, uma vez que,

O ato da representação transfere o que é perturbador e ameaçador em nosso universo de fora para dentro, de um lugar remoto para o próximo. Esta transferência opera de forma a separar conceitos e percepções que estão usualmente associados, e a integrá-los em contextos onde o incomum se torna familiar, onde o irreconhecível é amoldado a uma categoria reconhecida (Moscovici, 2003, p. 5).

Quadro 4 - Representações que falam sobre Adhemar

FONTE	ANO/DATA	REPORTAGEM/ NOTÍCIA	IDEIA DE REPRESENTAÇÃO CONTIDA
Jornal do Brasil	24/07/1952	"Adhemar Ferreira da Silva quebra recorde e leva ouro em Helsinque"	Herói olímpico: ênfase no feito esportivo, sem menção às barreiras raciais.

Revista Manchete	15/08/1956	“O brasileiro que conquistou o mundo com seus saltos”.	"Exemplo de superação": narrativa meritocrática, ignorando contexto racial.
Folha de S.Paulo	13/01/2001	"Morre Adhemar Ferreira, o primeiro bicampeão olímpico do Brasil"	"Ícone do esporte": reconhecimento póstumo, mas com apagamento de seu ativismo racial.
Agência Brasil	29/09/2020	"Adhemar Ferreira da Silva: o herói olímpico que virou diplomata"	"Mobilidade social": transição para diplomacia como "caso excepcional".
ESPN Brasil	23/07/2021	"Adhemar Ferreira: o legado do atleta que mudou o atletismo brasileiro"	"Pioneirismo técnico": foco nos recordes, sem análise sobre representatividade negra.

Fonte: O autor, 2025.

Por fim, ao focarmos a análise no **quadro 4**, nele as reportagens sobre Adhemar Ferreira da Silva, embora reconheçam seus feitos esportivos, apresentam um consistente apagamento das dimensões raciais que tanto marcaram sua trajetória, como serviram de obstáculos e barreiras. À vista disso, matérias como a do Jornal do Brasil (1952) e Revista Manchete (1956) destacam seus recordes e medalhas olímpicas, mas omitem completamente o contexto de racismo estrutural no qual seu sucesso foi construído. Mesmo que tais veículos (jornal e revista) tenham produzido notícias dizendo ser ele “O brasileiro que conquistou o mundo com seus saltos”. Ou noticiar que, "Adhemar Ferreira da Silva quebra recorde e leva ouro em Helsinque" são, sem dúvida, narrativas positivas sobre essa lenda.

Mas, para quem se detém a investigar um pouco mais de perto a vida e carreira desse atleta negro; observa que boa parte da imprensa brasileira historicamente mostra evidencia

comportamento e representação de Adhemar Ferreira que se caracteriza, sobretudo, pelo abandono, desprezo e esquecimento. “Como resultado, a memória tende a predominar sobre a lógica, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e a imagem sobre a “realidade” (Moscovici, 2003, p. 5).

E o, pior, é que nem mesmo com as transformações sociais e o passar do tempo o olhar com relação a Adhemar muda, de modo que, pois, mesmo no caso de sua morte (Folha de S.Paulo, 2001) e outras notícias também recentes (ESPN Brasil, 2021), persiste a narrativa do “herói técnico”, mas desvincula suas conquistas de sua identidade negra e de seu ativismo no Teatro Experimental do Negro.

A análise da trajetória excepcional de alguns atletas negros, como apresentada em reportagens sobre sua transição para áreas como a diplomacia, evidencia como narrativas midiáticas podem reforçar a ideia de meritocracia individual, sem considerar as barreiras estruturais que dificultam a mobilidade social da maioria. A partir da perspectiva das representações sociais, é possível compreender que os grupos sociais produzem e compartilham interpretações da realidade, moldando comportamentos, relações e expectativas.

Nesse sentido, a forma como o esporte e seus protagonistas são retratados contribui para a naturalização das desigualdades raciais, ao legitimar trajetórias isoladas como exemplos universais, obscurecendo os obstáculos enfrentados coletivamente por comunidades historicamente marginalizadas.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa envolvendo um trabalho de conclusão de curso na Licenciatura em Educação Física, teve como objetivo central analisar a representatividade negra nos esportes de elite no cenário brasileiro, com foco nas trajetórias de quatro atletas emblemáticos: Adhemar Ferreira da Silva (atletismo), Maguila (boxe), Rafaela Silva (judô) e Formiga (futebol feminino). E, o problema de pesquisa ateve-se a apurar quais são os principais desafios enfrentados pelos atletas negros para alcançar e consolidar sua representatividade nos esportes de elite, e de que forma fatores estruturais, sociais e midiáticos influenciam esse processo?

Assim, ficou demonstrado que, apesar de suas incontestáveis contribuições para a construção do esporte brasileiro, os atletas negros e negras são sistematicamente representados de maneira ambivalente pela mídia e pelas instituições esportivas. Por um lado, são celebrados por seus feitos extraordinários; por outro, têm suas identidades raciais e os obstáculos estruturais que enfrentaram são frequentemente apagados ou minimizados, além de suas derrotas acentuadas e depreciadas. Esse padrão foi observado em todas as quatro trajetórias analisadas, ainda que com nuances específicas em cada caso.

No caso de Adhemar Ferreira da Silva, dentre outras coisas, a pesquisa nos ajudou a mostrar como seu duplo ouro olímpico e recorde mundial foram amplamente celebrados na imprensa dos anos 1950, mas sua condição de atleta negro em um esporte elitizado e sua atuação como ativista no Teatro Experimental do Negro foram sistematicamente omitidas. Essa representação seletiva contribuiu para construir uma narrativa meritocrática que ignora as barreiras raciais que ele precisou superar.

No caso de Maguila, das muitas coisas passíveis de serem ditas aqui, é válido ressaltar que o estudo evidenciou como o pugilista foi frequentemente reduzido a estereótipos que associavam sua negritude à “força bruta” e “falta de técnica”, especialmente em momentos de derrota. A pesquisa mostrou como a mídia esportiva dos anos 1980 e 1990 radicalizou suas performances, criando uma dicotomia entre o “herói popular” e o “atleta limitado”, sem jamais problematizar as condições desiguais de preparo entre atletas brasileiros e seus adversários estrangeiros e porque também não mencionar as desconfianças e a falta de apoio e estrutura a ele conferida.

Claro que em meio às observações e análises encontram-se as trajetórias percorridas tanto por Rafaela Silva quanto por Formiga e sobre essas atletas ficou demonstrado, por

exemplo, como a interseccionalidade entre raça e gênero produz desafios específicos para as mulheres negras no esporte.

No caso de Rafaela, observamos como a mídia alternou entre representá-la como “vítima” do racismo (após sua eliminação nas Olimpíadas de 2012) e como “símbolo de superação” (quando conquistou o ouro em 2016), sem nunca aprofundar a discussão sobre as estruturas excludentes do judô brasileiro.

Já Formiga, apesar de sua carreira excepcionalmente longa e de conquistas no futebol feminino, teve sua trajetória frequentemente reduzida a narrativas sobre “resistência etária”, com pouco ou nenhum questionamento sobre as barreiras adicionais impostas por ser uma mulher negra em um esporte historicamente dominado por homens brancos.

Na verdade sobre esses e outros tantos atletas negros e negras o que fica evidente com a pesquisa é que a História os negam, apagam, marginalizam e mais: fala-se de um esporte brasileiro como se esses personagens pouco tenham contribuído para o Brasil ser o que é mundialmente na atualidade do cenário esportivo. Por isso, não hesitamos em afirmar que há uma séria lacuna na maneira como a história do esporte brasileiro é narrada.

A pesquisa também evidenciou três padrões recorrentes na representação midiática desses atletas: 1. A excepcionalização de suas trajetórias, que são tratadas como casos únicos e extraordinários, em vez de exemplos de um sistema esportivo que poderia ser mais inclusivo. 2. A racialização seletiva, onde a identidade negra só é destacada em contextos de crise ou superação, mas raramente como parte integrante de suas identidades esportivas. 3. O apagamento pós-carreira, com pouca atenção midiática às dificuldades que enfrentam na transição para outras atividades profissionais, apesar de seus feitos históricos.

Em resposta ao problema de pesquisa inicial, podemos afirmar que os principais desafios enfrentados por atletas negros para alcançar e consolidar sua representatividade nos esportes de elite brasileiros são: a) a persistência de estereótipos raciais na cobertura midiática; b) a falta de reconhecimento institucional de suas contribuições para a história do esporte nacional; e c) a ausência de políticas efetivas para garantir sua transição profissional pós-carreira e participação em cargos de decisão no esporte.

Deixamos aqui pontos que podem ser tomados como recomendações para futuras pesquisas, sugere-se: I. Estudos comparativos com a representação de atletas negros em outros países, para identificar possíveis diferenças e similaridades nos padrões de representação; II. Pesquisas que enfoquem especificamente a transição de carreira de atletas negros, analisando as barreiras institucionais que encontram ao deixarem a prática esportiva;

III. Análises sobre a presença (ou ausência) de atletas negros em cargos de gestão e decisão nas entidades esportivas brasileiras e IV. Investigações que explorem como o sistema de formação esportiva no Brasil pode reproduzir ou combater desigualdades raciais.

Também é importante ressaltar que esta pesquisa não esgota o tema da representatividade negra no esporte brasileiro. Pelo contrário, espera-se que ela possa servir como ponto de partida para novas investigações que aprofundem aspectos específicos aqui identificados ou não. A escolha por quatro atletas de modalidades diferentes permitiu traçar um panorama mais geral, mas também deixou evidente a necessidade de estudos mais específicos sobre cada esporte, atleta e sobre períodos históricos distintos.

Por fim, cabe destacar que a representatividade negra no esporte não se trata apenas de visibilidade, mas de poder e reconhecimento, só para mencionarmos alguns. Como demonstrado ao longo deste trabalho, os atletas negros e negras analisados construíram legados incontestáveis, mas frequentemente tiveram suas vozes e feitos silenciados e suas experiências racializadas simplificadas. Mudar esse paradigma exige não apenas transformações na cobertura midiática, mas principalmente uma reavaliação estrutural de como as instituições esportivas brasileiras e a própria sociedade lidam com a questão racial no Brasil mesmo em pleno século XXI.

O esporte pode ser um poderoso instrumento de transformação social, mas para isso precisa primeiro enfrentar seus próprios fantasmas e reparar as injustiças cometidas com os atletas, sobretudo, os que representam grupos minoritários na estrutura econômica e de poder.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; BATISTA, Cleyton; CALDAS, Demetrius Luciano; OLIVEIRA, George Roque Braga. A discriminação racial e a legislação do futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, Bahia, v. 35, n. , p. 99-106, 30 jun. 2021. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-4690.v35inespp99-106>.
- ALENCAR, Carlos. **Maguila - a Saga de um Cabra Macho Campeão**. São Paulo: Marco Markovitch, 1997. 102 p.
- ASSIS, Dayane Nayara Conceição de. CORPOS NEGROS E REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO DE GÊNERO E RAÇA. **Revista da Abpn**, p. 123-134, 2017. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/231>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- AUGUSTO NUNES (Brasil) (org.). **O derrotado no momento do nocaute**. São Paulo: Veja, 2009. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/o-derrotado-no-momento-do-nocaute/>. Acesso em: 07 ago. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (org.). **PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: Ibge, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 07 ago. 2025.
- CARATTI, Jônatas Marques. **DENTRO E FORA DOS RINGUES o processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina (Séculos XVIII – XX)**. 2017. 552 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/180620/001067959.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 jun. 2025.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 22, p. 10–17, 1994. DOI: [10.11606/issn.2316-9036.v0i22p10-17](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p10-17). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26954>. Acesso em: 8 set. 2025.
- ESPN BRASIL. **Eliminação de Rafaela no judô gera debate sobre critérios e apoio**. 30 jul. 2012. Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/veraoespn/531833_eliminacao-derafaelano-judo-gera-debate-sobre-criterios-e-apoio. Acesso em: 14 jun. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), 2008. Tradução de Renato da Silveira Prefácio de Lewis R. Gordon. Disponível em:

https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf. Acesso em: 09 jun. 2025.

FERREIRA, Alda Karine. **O PAPEL SOCIAL DOS ATLETAS NEGROS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE BRASILEIRO: o caso Adhemar Ferreira**. 2017. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Educação Física, Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/58670/5/TCC%20Alda%20Karine%20Ferreira%20%285%29.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2025.

FREGE, Gottlob. **Review of Dr. E. Husserl's Philosophy of Arithmetic**. Dordrecht: Springer Netherlands, 1977. 16 p.

FIFA (Brasil) (org.). **Olympic Football Tournaments Rio 2016 TECHNICAL REPORT AND STATISTICS 3-20 August 2016**. Zürich, 2016. Disponível em: https://library.olympics.com/Default/doc/SYRACUSE/1olympic-football-tournaments-rio-2016-3-20-august-2016-rapport-techn?_lg=en-GB.66426/technical-report-and-statistics- Acesso em: 23 jun. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 2, p. 143–151, 2005. DOI: 10.1590/S1807-55092005000200005. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 8 set. 2025.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVICH, Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais**. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 324p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337725928_TEXTOS_EM_REPRESENTACOES_SOCIAIS. Acesso em: 8 set. 2025.

HARGREAVES, Jennifer. **Por uma política da diferença e da identidade de gênero no esporte: heroines of sport: the politics of difference and identity..** New York: Routledge, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/SDvZPMMRjcsJsmjBBbmMNp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 jul. 2025.

PINHEIRO, M. de C.; DE PAULA, Y. B. V. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. *Revista Feminismos*, v. 7, n. 2, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/35381>. Acesso em: 8 set. 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (org.). **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. São Paulo: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-o-u-raca.html>. Acesso em: 09 ago. 2025.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Análises situacionais e retrospectivas: esporte**. Brasília: Ipea, 2025. 6 p. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/ri-eb-2050-esportes>. Acesso em: 17 ago. 2025.

ITATIAIA. CNN Brasil (org.). **Olimpíadas: entenda regra polêmica que fez Rafaela Silva perder bronze no judô**. São Paulo: Cnn, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/olimpiadas/olimpiadas-entenda-regra-polemica-que-fez-rafaela-silva-perder-bronze-no-judo/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

JORNAL DO BRASIL. **O Atleta-Banqueiro: Entrevista com Adhemar Ferreira**. Rio de Janeiro, 12 set. 1956, p. 7. Disponível em: <https://www.saopaulofc.net/a-medalha-de-ouro-olimpica-e-o-recorde-mundial-de-adhemar-ferreira-da-silva-em-1952/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

JULIA BRAUN (Brasil). BBC News Brasil (org.). **Futebol feminino: os pretextos usados para proibir prática no Brasil e no exterior**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw4gjkxlrldko>. Acesso em: 12 jun. 2025

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/25698906/MOSCOVICI_S_Representa%C3%A7%C3%B5es_Sociais. Acesso em: 01 ago. 2025.

PIRES, Giovanni de Lorenzi (org.). **Observatório da mídia esportiva: a cobertura jornalística dos jogos abertos de Santa Catarina**. Santa Catarina: Observatório da Mídia Esportiva, 2008. 154 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/236485/observatorioMidiaEsportiva.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 jun. 2025.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 1995. 96 p.

FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2010.

SANTOS, R. **Biografias Sociais: Narrativas Esportivas como Documento Histórico**. São Paulo: Editora 34, 2022.

SANTOS, T. **Teto de Vidro Racializado no Esporte Brasileiro**. Recife: Editora UFPE, 2023.

SOUZA, Edilza Correia de. **Mulheres negras no esporte: entre conquistas e invisibilidades**.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 40, n. 3, p. 245-253, 2019.

TV GLOBO. **Amor de Mãe**. Novela de televisão. Direção: José Luiz Villamarim. Rio de Janeiro: TV Globo, 2019–2020.

VIANA, H. **Esporte e Projeto Nacional: Dos Anos 1930 ao Milagre Econômico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.